

humanitas

Vol. V-VI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIII-IV

Universitatis Gotoburgensis. Bom exemplo de literatura de ficção, escrito muito posteriormente à situação histórica que pretende reviver, as cartas descrevem-nos o drama interior, a perplexidade do discípulo de Platão, ante a decisão de matar o tirano Clearco, ao que parece também ouvinte das lições do mestre. Quíon é-nos apresentado como ardente defensor da liberdade política na luta contra a tirania.

Tratando-se de autor anónimo e de impossível identificação, importava, embora de maneira indirecta, situá-lo historicamente pelo estudo filológico do texto em relação com os escritos do mesmo género. Trata-se de autor neoplatónico do iv século, como pretende Hoffmann, ou de autor estóico do 1.º século da era cristã? Excluídas outras hipóteses menos consistentes, o A. chega à conclusão bem fundamentada na análise da linguagem e do estilo, que as cartas foram escritas no período helenístico ou início do período imperial. Demonstrando a impossibilidade de atribuição a autor neoplatónico do iv século, a forma e o conteúdo das cartas permitem ao A. situá-las como aparecidas na segunda metade do primeiro século da era cristã.

Quanto ao conteúdo das cartas, é possível, embora Ingemar Düring o não aceite, que o autor anónimo tenha escolhido o tema inspirando-se na vida do histórico Quíon para, sem grande perigo, se opor às condições políticas criadas por Domiciano, que, por duas vezes, banira os filósofos da cidade, por estes audaciosamente se oporem ao seu despotismo. Na carta quinta é relatado o encontro com Platão para se atribuir ao mestre a não incompatibilidade da filosofia com a vida activa, pois o filósofo tanto pode dirigir-se para a vida prática como para a calma contemplação. Deste modo, prepara-se a opção do suposto Quíon que, pretendendo tornar-se melhor como homem, não vê impossibilidade em poder ser também um homem corajoso, um combativo soldado, um herói, se tanto for necessário. Outros exemplos o preparam para esta convicção : Xenofonte ensina-lhe que a coragem é própria do filósofo e mostra-o na luta contra Artaxerxes. Na última carta, dirigida a Platão, a decisão de matar Clearco está firmemente assente e do mestre se despede pela última vez.

D. S.

FRANCESCO GIANCOTTI, *Saggio sulle tragedie di Seneca*. Società Editrice Dante Alighieri, 1953, 196 pp.

A respeito das tragédias de Séneca vários problemas se têm levantado:

- o da cronologia
- o das alusões a personagens históricas: Nero, Messalina, Agripina...
- o do seu destino: teatro ou leitura?

O A. do livro dedica algumas páginas a estas questões, insistindo na impossibilidade de as resolver, ou na sua falta de interesse, por revestirem aspecto mais erudito que crítico.

O verdadeiro problema para F. Giancotti é o da autenticidade das nove tragédias (exceptuada a Octávia) que tradicionalmente, segundo o testemunho dos antigos e a tradição manuscrita, são atribuídas ao mesmo Autor das obras morais e filosóficas.

Tendo começado por afirmar que «um problema de autenticidade é sempre um problema de unidade», propõe-se interpretar as tragédias, para nelas surpreender o mesmo sentido das obras filosóficas.

À primeira vista, umas e outras parecem inconciliáveis.

Podem as «paixões» e a poesia alimentada de fábulas ser negadas numas e encontrar noutras a sua expressão ?

Segundo o A., tudo isto resulta ou de um equívoco — uma coisa é a paixão de uma personagem, outra o sentido que dela tem o autor —, ou de falta de perspicácia psicológica — Séneca nas obras filosóficas luta precisamente contra um «eu» *passional*; «se essa luta não brotasse de uma alma agitada por humanas e implacáveis paixões, seria pálida e fria» —, ou, enfim, de ausência de análise interna das tragédias. Num capítulo intitulado «A ideia-mãe das tragédias» afirma que o seu carácter mais conspícuo é o moralismo e que elas contêm, como tese moral, a antítese entre o «furor» passional e a «mens bona». As personagens trágicas — Edipo, Medeia, Fedra — são arrebatadas por este «furor», ao mesmo tempo que o coro invoca a «temperantia», a «moderatio» ou a «medietas», isto é, a «sapientia» das obras filosóficas.

A finalidade destas e das tragédias não será, pois, a mesma?

M. A. ALMENDRA

ANDRÉ BELLESSORT, Athènes et son théâtre. Librairie Académique

Perrin, Paris, 1954, XI + 348 paginas, XVI ilustrações.

Eis um belo livro que a Librairie Perrin acaba de editar. Não se trata, porém, dum livro novo, pois a edição actual apresenta-se como a 13A O seu autor é membro da Academia Francesa e escritor de numerosa bibliografia éntre a qual se conta um S. Francisco Xavier. A obra presente constituiu inicialmente um «Cours professé à la Société des Conférences».

Contém os capítulos seguintes: I — L'Athènes de Périclès; II — Le théâtre: décors, acteurs, poètes; III — Le patriotisme dans la tragédie; IV — Les dieux et

B